

O mandato econômico

Bráulia Ribeiro

Revista Ultimato, maio-junho/2012

Sem deixar de cair no lugar-comum das entrevistas, perguntei a Don Richardson qual foi a área mais negligenciada na sua geração no panorama missionário entre os povos não-alcançados.

Ele não se fez de rogado e me deu uma boa aula sobre a questão econômica e sobre missões. A negligência em olhar o desenvolvimento como parte do processo de “evangelização” condenou muitas tribos à dor da exclusão socioeconômica e à falta total de perspectiva de um futuro diferente para seus filhos.

Steve Saint é o filho de Nate Saint, o piloto das selvas, assassinado na década de 50 nas selvas do Equador pelos índios então conhecidos como auca, cujo verdadeiro nome é waurani. Steve foi criado na selva, pois sua mãe assumiu o trabalho após a morte do pai. Junto com a irmã de seu pai, Rachel Saint,¹ e outras esposas de pilotos mortos, eles conseguiram conquistar os waurani e levar-lhes o evangelho. O perdão e o amor que fez com que as esposas dos missionários martirizados voltassem à terra dos índios assassinos escreveu uma das mais belas histórias de missões modernas.

Steve, criado na tribo, voltou aos Estados Unidos, onde fez faculdade e se casou.

Anos depois, visitando a tribo por ocasião da morte de sua tia Rachel, os waurani lhe deram um ultimato:

– Você é nosso filho, e sabe tudo do mundo de fora. Estudou, entende o mundo, agora precisa ajudar a gente a sair da pobreza.

Steve entendeu o chamado diferenciado que os índios lhe propuseram e começou uma série de iniciativas de desenvolvimento econômico para a tribo.

O mais interessante dos projetos é uma fábrica de ultraleves supermodernos. Nada de pensar apenas em latrinas e água potável. Steve Saint construiu uma fábrica de montagem de kits da avioneta RV10 e convidou os interessados em comprá-lo, por mais de 200 mil dólares, a irem ao Equador e aprenderem com os waurani a montá-lo para nele voar em três semanas.²

Se fosse no Brasil, ele certamente teria sido barrado pelo governo brasileiro, que condena as tribos do país à miséria eterna em nome da preservação cultural.

Steve considera a falta de ênfase no problema econômico o maior ponto cego de missões no último século.

Na minha experiência de 30 anos na Amazônia, vi muitos de nossos trabalhos missionários, implantados com muito suor e oração, serem derrotados por nossa incapacidade de ir além da pregação. Enganados por uma visão cristã falsa de mundo, que separa o trabalho espiritual do

“secular”, alguns de nossos projetos focalizaram apenas as “almas” e não o ser humano como um todo.

Por todos os lados vemos a consequência dessa falácia cristã. A África é o continente mais evangelizado do mundo e também o mais pobre. Apesar do despertamento que as discussões de Lausanne trouxeram à igreja, ainda temos de trabalhar muito para mudar a cosmovisão que propõe uma missão para a igreja desassociada da realidade socioeconômica.

Já passou da hora de homens de negócios e capacidade empreendedora abraçarem o chamado da missão integral. O mundo de missões precisa deles. Pessoas que não deixam tudo para servir como nós, jesuítas do evangelho, mas que servem com seu aparato empresarial e seu tino para criar riquezas. Só assim vamos conseguir tirar os povos tribais do mundo da miséria degradante, que os condena a pensar que o amor de Deus é abstrato e inócuo, como o evangelho que levamos até eles.

Notas

1. História narrada no livro *Through Gates of Splendor*, de Elizabeth Elliot [Tyndale House; também no livro *O piloto das selvas*, de Russell T. Hitt e Stephen Saint, Editora Betânia, esgotado.]

2. www.saintaviation.com/index.htm.

• Bráulia Ribeiro trabalhou na Amazônia durante trinta anos. Hoje mora em Kailua-Kona, no Havaí, com sua família e está envolvida em projetos internacionais de desenvolvimento na Ásia. É autora de *Chamado Radical*. Editora Ultimato, 2007. braulia_ribeiro@yahoo.com